



lembrar
para caso
esquecer

—

Belisa Bitencourt Cunha



BELISA BITENCOURT, OU SERES
DE SREGERA, NASCEU EM 1993
NA CIDADE DE NITERÓI - RIO
DE JANEIRO.

BACHAREL EM ARTES PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE.

MICRO PERFORMER,
FOTOGRAFA, VIDEOAKER E
DESIGNER MULTIMÍDIA.

DESENVOLVE O SEU PENSAR
SOBRE ARTE CONTEMPORÂNEA E
AS POÉTICAS DAS IMAGENS-
MEMÓRIA DESDE 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DAS ARTES

Belisa Bitencourt Cunha

lembrar para caso esquecer

Niterói, 2022

Cunha, Belisa Bitencourt. lembrar para caso esquecer / Belisa Bitencourt Cunha. – 2022. 150p .
Orientador: Prof. Dr. Luiz Guilherme Vergara. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, em Estudos Contemporâneos das Artes, Niterói, BR-RJ, 2022.

1. prefácio ou instruções de leitura. 2. introdução. 3. onde ainda resta a imagem. 4. atemporalidades em objetos e lugares. 5. promessa aos seres. 6. que o vento leve as inquietações daqui. 7. referências. 8. biblioteca de links

Às minhas avós,
ao meu amigo Cristian
e a todas as versões do tempo.

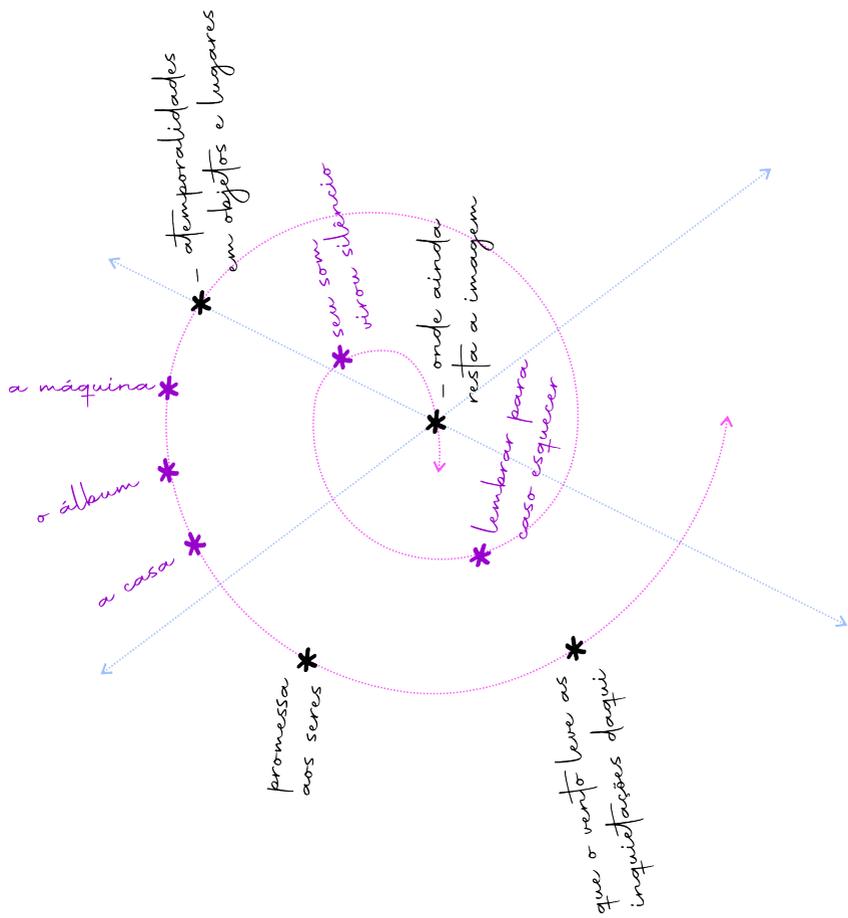
Agradeço, em primeiro lugar, à toda a minha família, que, apesar das divergências, sempre me apoiou e me serviu de inspiração para este trabalho. Aos meus amigos, Leticia, Fernanda, Andreza e Igor, minha noiva Beatriz e sua família, por me motivarem e me acompanharem nos caminhos paralelos da vida, Agradeço a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, por me darem a oportunidade de me aprofundar com liberdade nessa pesquisa. Agradeço aos professores da banca, por aceitarem o meu convite e ao meu orientador Luiz Guilherme Vergara, por sempre trazer leveza e poesia até mesmo nos momentos mais conturbados e caóticos.

"Pergunto, se nunca mais verei você, nem fixarei meus olhos na sua solidez, que forma assumirá nossa comunicação? Você atravessou o campo, cada vez mais longe, tornando mais e mais tênue o fio que nos liga. Mas em algum lugar você existe. Algo de seu permanece."

As ondas - Virginia Woolf

. sumário

Resumo ou instruções de leitura	15
Introdução	17
1. onde ainda resta a imagem	21
i. seu som virou silêncio	24
ii. lembrar para caso esquecer	27
2. atemporalidades em objetos e lugares	31
i. a máquina	34
ii. o álbum	36
iii. a casa	45
3. promessa aos seres	49
4. que o vento leve as inquietações daqui	140
Referências	146
Biblioteca de links	148



. resumo ou instruções de leitura

Aqui se reúnem muitas emoções e reflexões sobre imagem, memória, família, afetos e cotidianos. Construo através deste livro-álbum a narrativa de um Ser que busca dar materialidade às próprias memórias.

"lembrar para caso esquecer" surge em forma de promessa que busca romper os limites da temporalidade linear através da produção de fotografias e videoartes afetivas autobiográficas.

Dessa forma, esboça-se no decorrer da prática artística, narrativas pessoais que exercitam o ato-gesto de capturar lembranças em imagens, transpassando subjetividades a fim de confortar o medo de "apagar-se".

A leitura deste livro pode ser feita de qualquer maneira ou a partir de qualquer lugar; podendo provocar tanto desentendimento quanto identificação com o seu conteúdo. Portanto, sinta-se livre para observar com calma ou com pressa.

Você irá encontrar ao longo dos capítulos códigos QR que abrião links para vídeos externos. Tornando necessário o uso do dispositivo celular para acessá-los. Basta apontar a câmera do aparelho para o código e clicar no link que aparecerá na tela. Caso isso não aconteça, você encontra a biblioteca de links no final no livro.

. introdução

"lembrar para caso esquecer" é uma pesquisa prática afetiva e autobiográfica que se constrói a partir de uma experiência pessoal.

Em agosto de 2016 minha avó materna, Osvaldina, veio a falecer. Quando me percebi atingida por essa vivência, encontrei na arte uma maneira de expressar o meu luto. Comecei produzindo um vídeo em homenagem a essa vó, onde iniciei as gravações antes mesmo de seu falecimento.

Pude perceber na convivência do dia a dia, as mudanças que aconteceram no seu comportamento. Dividíamos o quarto e a rotina. Por muitas noites a observei sentar na cama e massagear os joelhos, quase que em sussurro de reza, dizendo que estava com fadigas. Levantava, ia ao banheiro e voltava a dormir.

Tempo depois, não conseguia mais andar sozinha, não tinha mais vontade de comer e tudo se tornou um exercício de paciência. Os banhos em pé no chuveiro, passaram a ser sentada e logo depois a ser direto na cama.

Minha avó sempre foi muito ativa. Um grande divisor na minha percepção foi quando notei as suas dificuldades motoras. Mulher forte, que percorria a cidade, independente, fazia suas compras e administrava o seu lar, pouco a pouco já não levantava sem ajuda. Perdeu as forças das pernas, a memória do movimento.

Apagou-se. Aposentou o avental, a máquina de costura, já não tinha mais as chaves de casa.

Desde a adolescência eu possuía as chaves de sua casa na Ponta D'areia. Saía da escola e ia almoçar, fazer hora para o cursinho de informática. Sempre a considerei como minha segunda casa, um abrigo cercado de afetos de vó e de infância.

Percebendo o refúgio vazio, ocupei o lugar como instituição impermanente, casa-corpo matéria de memória viva de um ser em apagamento, exaltando sua memória em processos artísticos microperformáticos de cuidado, desdobrando gênero, afeto e identidade. Ponto de encontro entre amigos e pensamentos, a casa vazia estava sempre aberta aos que buscavam um berço de vó.

Os desdobramentos a partir destas práticas se deram através de vídeos e fotografias abrigados em rede social como forma de reter em matéria virtual a imaterialidade da memória.

Movida pelos pensamentos do filósofo Vilém Flusser, encontrei na fotografia e no audiovisual uma maneira de criar realidades, aprimorando as técnicas e os processos na busca pela materialização da memória através da produção de imagem.

Converso com Lapoujade por meio do seu livro sobre as existências mínimas e investigo os conceitos de Ivan Izquierdo sobre memória e a neurociência.

Pensadores que de forma sutil, permeiam a evolução do processo, jun-

tamente com os acontecimentos e experimentações dos últimos anos.

Onde o medo de esquecer, se converte na ação de percorrer mundos, registrar pessoas, objetos e lugares; gerando um acervo virtual / álbum de memórias, acumuladas em sistema fragmentado e cronológico.

Registro a promessa do lembrar no virtual e transcrevo através deste livro uma narrativa sobre o apagamento da minha avó - força origem deste aprofundamento - como forma de expressar o luto e manter viva esta experiência usando a arte de criar imagens como meio e método.

Observo ao longo dos capítulos atemporalidade, silêncio, objetos, lugares, pessoas e gestos cotidianos.

"lembrar para caso esquecer" é um convite à reflexão poética por trás do gesto contemporâneo de criar e expor imagens e vídeos.

. onde ainda resta a imagem

Um dos acontecimentos importante para o meu processo de construção de identidade, foi o tempo de convivência com a avó materna. Osvaldina. Vovó Dina.

Dina sempre foi muito presente, sua casa servia de refúgio nos momentos conturbados, ponto de encontro entre primos nas férias escolares, cercada pela cultura do café da tarde com bolos frescos e das melhores refeições de todos os dias.

Ela adorava música sertaneja e nas horas vagas entre mexer uma panela e outra, me ensinava a dançar valsa pela cozinha. Apesar de todas as dificuldades, vovó me ensinou coisas que aprendi e que ainda vou aprender ao longo desse tempo vida.

Aos 80 anos, essa avó foi diagnosticada com Alzheimer, doença que de forma progressiva pode corromper a memória e outras funções mentais importantes. Por esse motivo, veio a morar com minha família, o que fortaleceu ainda mais o nosso vínculo.

Em seus dois últimos anos de vida, pude observar todo aquele ser magnífico que dançava na cozinha e posava quando apontava qualquer câmera fotográfica, perder aos poucos sua identidade e mobilidade física.

Aos poucos pude compreender a efemeridade do tempo, os ciclos da vida e o que resta a partir disso.

. seu som virou silêncio

Aos poucos suas palavras se tornaram chiados e repetições de músicas aleatórias. Aos poucos o seu som virou silêncio.

Uma pausa no tempo onde ecoa a lembrança dos seus gestos.





. lembrar para caso esquecer

A convivência com essa pessoa tão querida e presente em toda a minha construção de vida, me colocou a observar os desenvolvimentos da doença e a fragilidade do nosso corpo perante ao que significamos em presença.

Investigo através da experimentação audio-visual, o sentimento da possível perda em busca da tradução não verbal e virtual dos acontecimentos. Início a busca de esgotar as possibilidades das ferramentas e acessórios e a acumular imagens memória a fim de guardar o presente para o futuro.

Como matéria, todo documento e organismo está fadado ao esquecimento/apagamento, seja a documentação corpórea humana ou a documentação através de materiais externos ao corpo. Dependendo do meio onde a memória se encontra, não temos como saber ao certo, quando seu apagamento ocorrerá.

Lembrar é uma promessa, uma busca.

Quando encontramos um cheiro, uma imagem, um som que ativam as partículas da nossa memória, buscamos e retomamos inconscientemente essa promessa.

Percebendo o apagamento físico dessa avó, me atrelo as ferramentas audiovisuais para captar seus detalhes em matéria virtual para quando se no futuro a memória física falhar.

Guardo em processo artístico essa memória viva, presente em promessa de guardar e compartilhar suas simbologias afetivas.

Crio um lugar onde ainda resta a imagem memória. Para lembrar e sentir a presença de alguém-outro de seu passado ou presente que não está mais em seu cotidiano corpóreo. Convido a refletir sobre a sua presença em imagem-lembrança, alguém que atravessou o campo, mas permanece no lugar do pensamento e da memória.





. atemporalidades em objetos e lugares

Desde nova eu tenho a tendência a usar o dispositivo câmera como instrumento de brincadeira. Lembro que meu pai tinha uma câmera analógica velha quebrada, guardada na gaveta, também quebrada, de um armário em um dos quartos da casa. Às vezes encontrava por acaso essa câmera e pegava escondido para simular que estava fotografando.

Outras vezes, lembro de estar na casa desta avó e vasculhar gavetas para encontrar fotografias da família; e passava tempo olhando aqueles álbuns. Alguma coisa no exercício do brincar com dispositivo e com as disposições sempre se tornaram presente no meu cotidiano ao longo do meu crescimento. Eu nunca fui muito afetada pela expressão em papel, desenho, música... Mas fotografar e olhar fotografias me era tão pleno que se tornou minha atividade principal de abstração.

A conexão com essa avó se expande para esses objetos e lugares, gerando uma atemporalidade em suas existências em constante mudança de percepção afetiva. Sendo eles, a máquina, o álbum e a casa.

. a máquina

Minha avó me deixou poucas coisas materiais, entre elas estavam uma câmera e as fotografias que ficavam em sua gaveta.

Não oficialmente, a "Yashica Kyocera" foi minha primeira câmera. Na época, meu pai havia comprado uma do mesmo modelo e a usava para fazer seus registros de família. Não sei que fim essa câmera levou, mas lembro que conforme fui ganhando mais idade, eu podia usar a de minha avó para fotografar.

Quando resgatei a câmera de minha avó, após sua morte, assumi o dispositivo como proposta de experimentação da fotografia analógica. Até então só havia brincado com tal dispositivo, ainda criança e não entendia suas funcionalidades e processos.

Dessas experimentações, tive como resultado, cartuchos de filmes que ainda não foram revelados. Memórias guardadas em cápsulas que até então, não foram acessadas fora do momento de captura. (e talvez nunca sejam.)

Guardo então a máquina que minha avó me presentearia inconscientemente, e que se torna o objeto propulsor da minha pesquisa, sendo um acontecimento inaugural do passado no presente. Me permitindo transformar as diversas camadas das relações de tempo através dela.



. o álbum

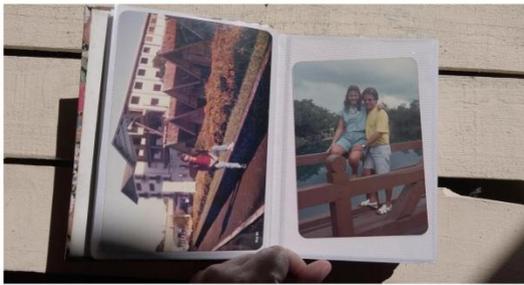
Dos álbuns que ela tinha para guardar as fotografias feitas com sua câmera, esse era o mais bonito e com menos fotos. Talvez aguardando o dia de organizar ali alguma narrativa, juntar as imagens mais bonitas ou mais significativas. Enquanto isso, ficava esquecido guardado em sua gaveta de cabeceira, junto com outras fotografias sortidas de família.

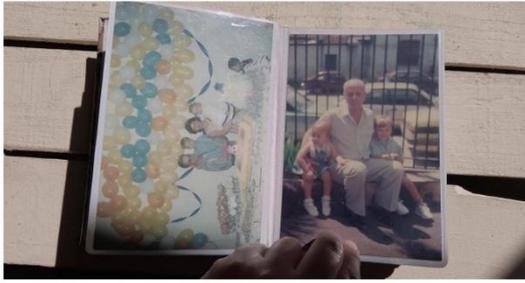
Lembro de passar tarde revirando tais gavetas e encontrando essas fotografias por ali perdidas. Olhava com cuidado cada detalhe, na tentativa de reconhecer seus personagens e momentos. Em casa, revisitava meus álbuns de infância, ainda criança, organizando cronologicamente os acontecimentos ali guardados.

Para ela, o dia de preencher esse álbum nunca chegou. Para mim, surgiu como oportunidade de contar um pouco da sua e da minha história. Faço a curadoria das suas fotografias e disponho em ordem de tempo. Guardo os retratos dos avós, pais, irmão, dos momentos de criança até a juventude; reafirmando a atemporalidade neste objeto-álbum.



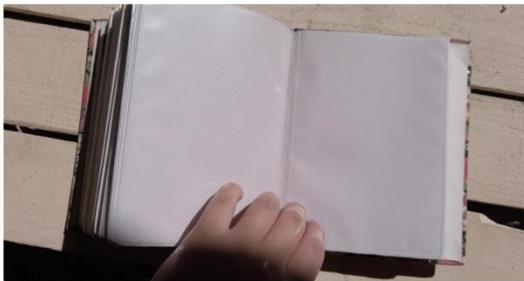












. a casa

Sinônimo de lar, o 104 da Barão do Amazonas também se transformou ao longo desse processo.

Corpo casa, repleto de móveis e suspiros de memórias, também teve o seu processo de apagamento. Se foram os móveis, os improvisos e mais recentemente as chaves. Restou da cozinha / salão de dança, apenas suas imagens, foi passado a outro a oportunidade de criar ali novas lembranças-casa.

Das boas recordações de infância que tenho dali, a de acompanhar anualmente o fazer dos bolos de aniversário é uma das minhas favoritas. De pequena olhava atenta o processo culinário, da farinha peneirada às decorações em glacê colorido. Jovem, mantive minha presença na tradição e conquistei pouco a pouco a prática desse fazer.

Com orgulho, foi trocada a posição, Mesmo ela não morando mais lá, sentia a necessidade de retornar a esse espaço e fazer os bolos de aniversário por conta própria. Assim como, o que seria, o seu último bolo de aniversário. Fui de véspera, tomei seu avental e utensílios e fiz de presente o que me foi presenteado por anos.

A casa nos cerca de gestos cotidianos invisíveis aos olhares corriqueiros do dia a dia, mas que são marcados pela passagem do tempo reforçando as afetividades que ali são geradas. Ressalto aqui a casa como lugar vivo, materializado em um CEP específico porem podendo ser levado para qualquer outro através dos gestos permanentes em corpo matéria humana.





. promessa aos seres

A transformação da melancolia afetiva, feita através da ação repetida de fotografar em busca da permanência da memória. Perceber a memória como imagem e perceber a fotografia como apetrecho capturador de imagens.

Quando se conta uma história, além de elaborar a narrativa de forma fluida, é importante contextualizar os personagens. Os personagens desta história são os diversos seres que atravessam o espaço tempo do narrador principal. Amigos, família, amores, seres espaço - seres objetos e o próprio self, que aparece como um microperformer atento ao passado, presente e a projeção da existência de futuro.

Primeiro de agosto de 2016

Um dia comum, segunda feira, mais uma semana.

Acordar, tomar café, dar o beijo na avó e sair.

Chegar no estágio, encontrar colegas, entrar em reunião.

Discutir processos, telefone toca.

- ..., vovó partiu.

Algumas mortes não acontecem de forma repentina, mas até as mais lentas e inevitavelmente esperadas quando acontecem sugam o peito como se fosse sem aviso.

E restam as memórias.

Velho, jovem, adulto ou criança. Deixamos ao outro o suspiro da nossa existência através de lembranças, objetos e lugares. Prometemos ao outro a nossa a permanência pelo acaso cruzado entre vivências.

Desembrulho os acontecimentos e a prática audiovisual por meio do exercício fotográfico.

Crio através do Instagram um acervo virtual de imagens-memória. A promessa do lembrar reverte o medo de esquecer e gera uma partitura de gesto fotográfico.

olhar
sentir
capturar
guardar
rever
manipular
enquadrar
publicar
repetir

Começo em 2016 e reúno até 2022 um arquivo composto por 2,598 imagens fragmentadas em tempo cronológico reverso. Onde o novo sobrepõe o antigo e assim propõe um mergulho ao passado conforme se "rola o feed".

Escolho a plataforma pela praticidade do cotidiano atual e seu baixo custo de produção. Armazeno no virtual as cenas que me foram atravessadas por esse período na caça de contornar as fragilidades do corpo.

Seleciono para este livro o período de 2022 a 2020, onde concluo esta prática atravessadamente com o curso de Pós Graduação em Estudo Contemporâneo das Artes pela Universidade Federal Fluminense.

Em 2020, foi decretado o estado de Emergência em Saúde Pública. Sair do emprego, trocar de morada; Lockdown. Atenção aos noticiários. Máscaras e luvas. Resguardo para aqueles que puderam, luta invisível diária para outros sem escolha. Readaptação de realidade.

Reafirmar a fragilidade da vida.

Vidas perdidas, sem nem mesmo perceber que iriam se perder.

Retorno ao sentimento de 2016, à necessidade de se materializar em presença o que se poderia restar, recortar os detalhes desse novo cotidiano.

Capturar os momento de fuga, na tentativa de respirar a brisa do mar novamente. As filas do supermercado, com suas novas demarcações de distanciamento. Cartazes nas janelas, notícias de jornal.

Com o tempo, entender o cuidado. Poder encontrar novamente rostos conhecidos, andar de transporte público. Visitar novos e velhos lugares, construir novo lar. Adotar um cachorro, tomar a vacina. Poder fazer festa junina, mesmo que com menos de 6 pessoas.

Casamento, novas casas, outras rotinas.

Retornar a promessa aos seres que sobrevivem.

Ofereço essa narrativa em imagens como agradecimento as partilhas que geraram tais lembranças.

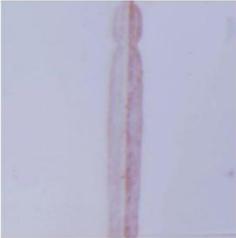


arquiv.jpq [Seguir](#)  

2,598 publicações 0 seguidores 0 seguindo

nem tudo faz sentido -
mas muita coisa faz eixo Δ
~
fotografia afetiva experimental
documental biográfica
2016 - atualmente
@seresbels
www.seresbel.com





MATÉRIA
DOS
SONHOS



SE EU PUDESSE

Se eu pudesse viver sempre a teu lado
Se eu pudesse viver eternamente
Se eu pudesse esquecer todo passado
E te amar toda vida loucamente

Se eu pudesse te dar toda a ternura
De um amor tão sincero, tão profundo
Acabar para sempre essa tortura
Esquecer as tristezas deste mundo!

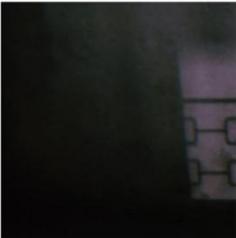
Se eu pudesse te amar... Ah! se eu pudesse
Sufocar esta dor porque padeco
A minha alma tão triste, tão esquiua...

SE EU PUDESSE

Se eu pudesse viver sempre a teu lado
Se eu pudesse viver eternamente
Se eu pudesse esquecer todo passado
E te amar toda vida loucamente

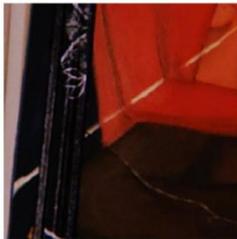
Se eu pudesse te dar toda a ternura
De um amor tão sincero, tão profundo
Acabar para sempre essa tortura
Esquecer as tristezas deste mundo!

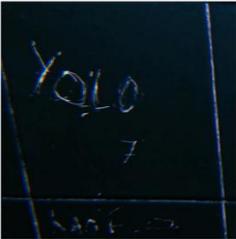
Se eu pudesse te amar... Ah! se eu pudesse
Sufocar esta dor porque padeco
A minha alma tão triste, tão esquiua...

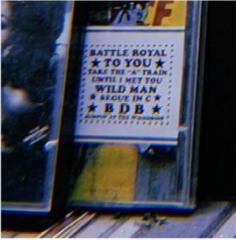


ATENDIMENTO
24
HORAS
98863-4000
NOVA FRIBURGO
PETRÓPOLIS





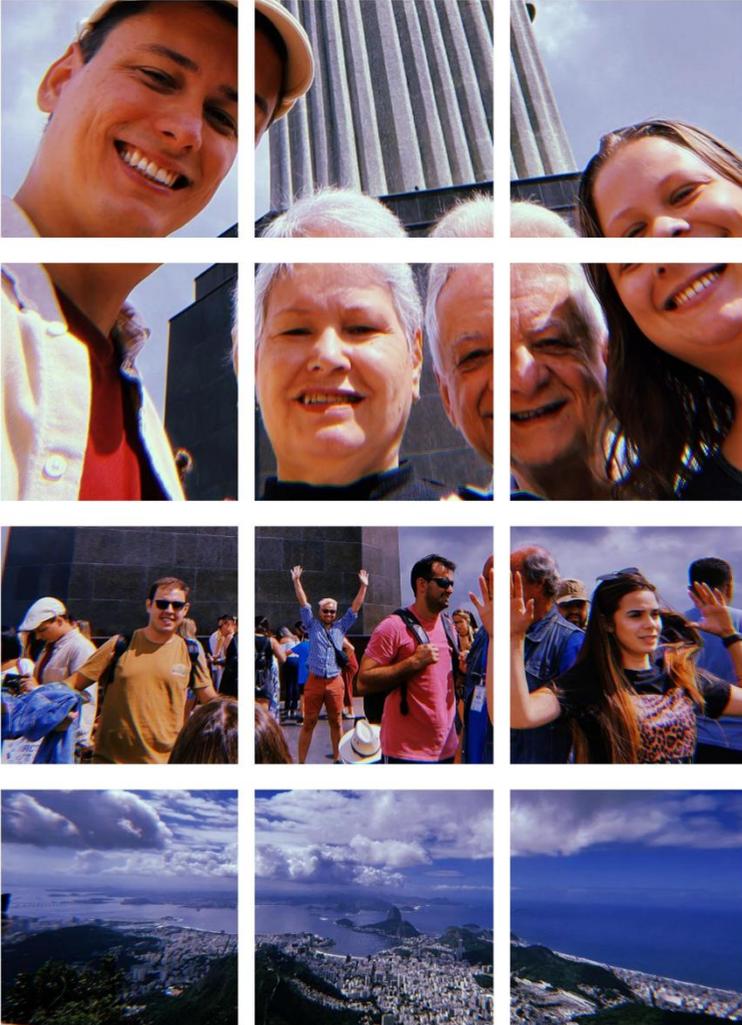






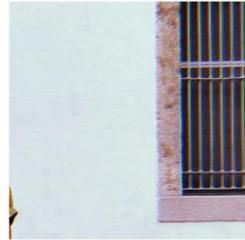
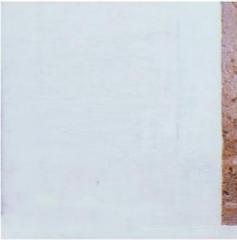




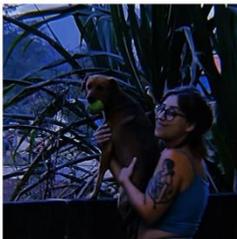




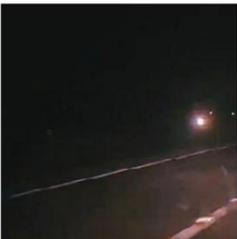


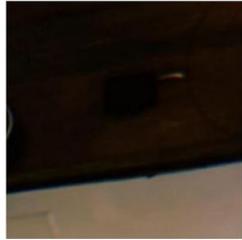


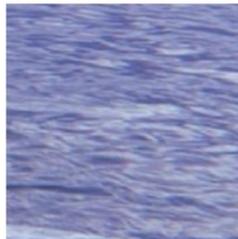






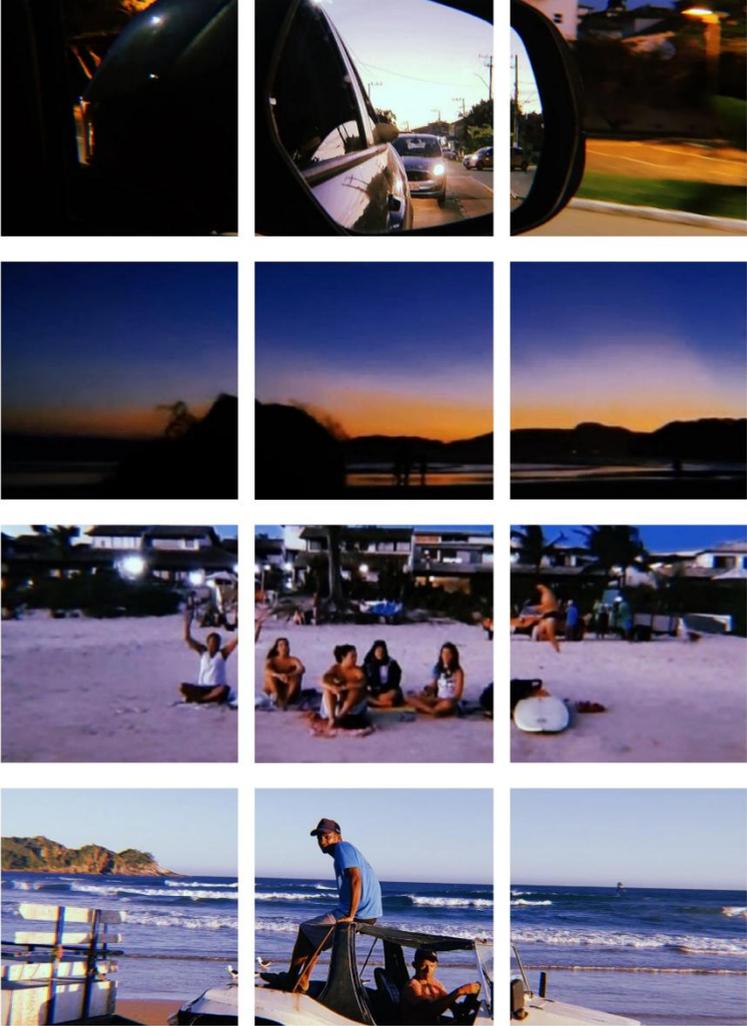


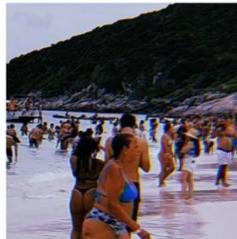












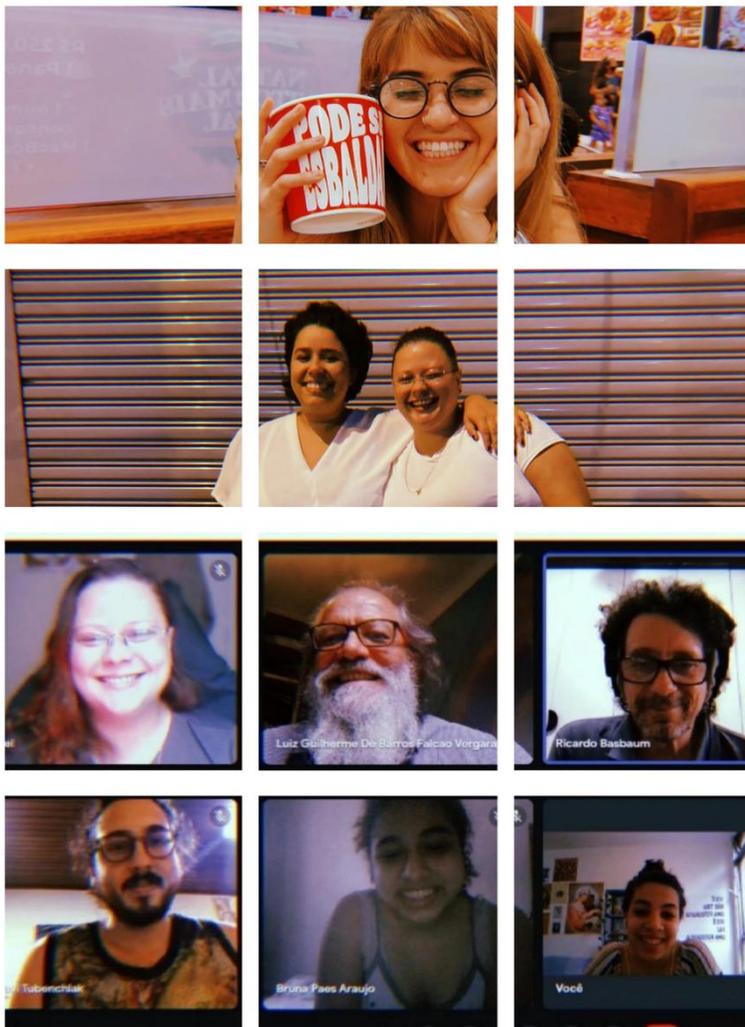


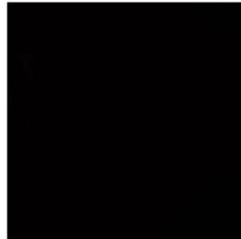
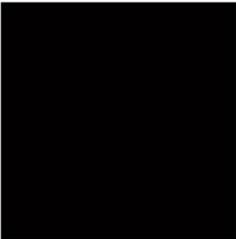
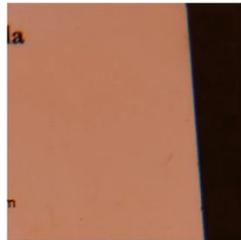
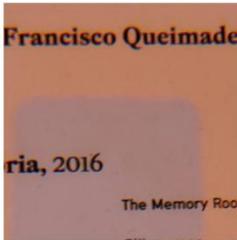
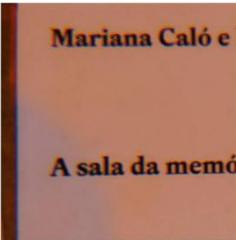
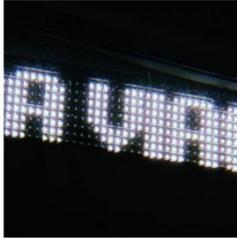
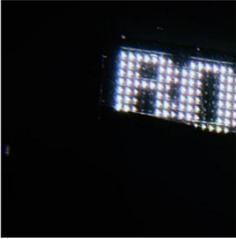




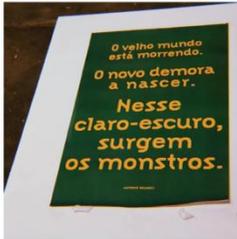
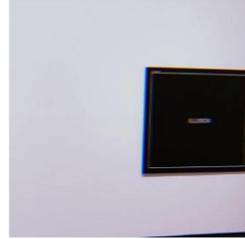
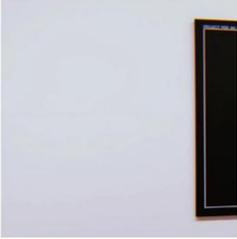








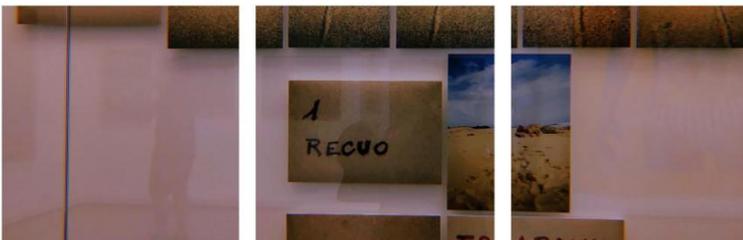
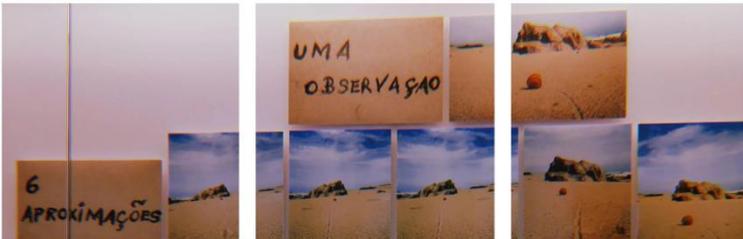


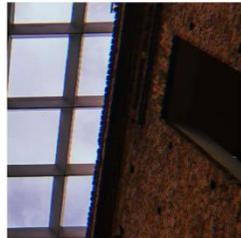


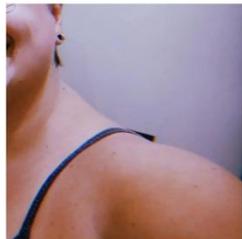
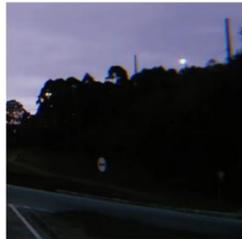
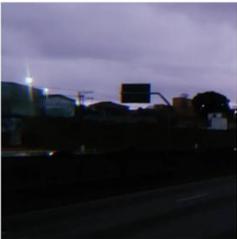












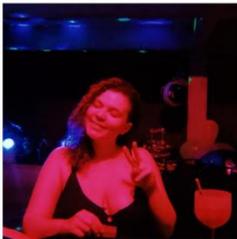






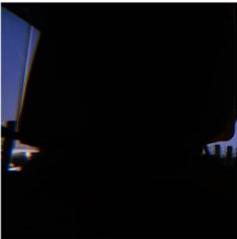












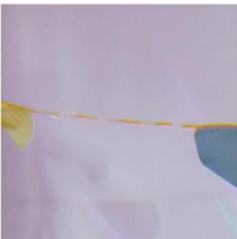
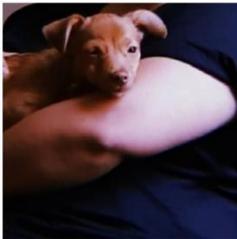
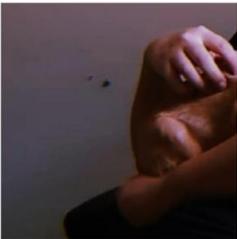




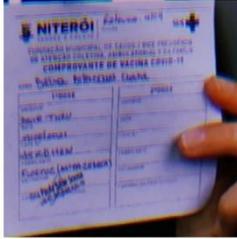
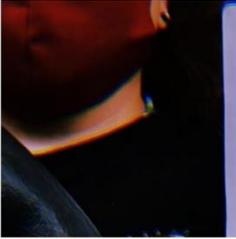


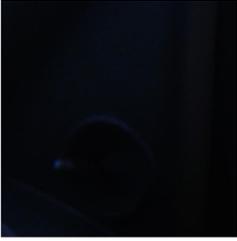






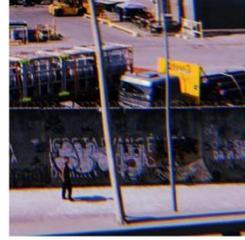


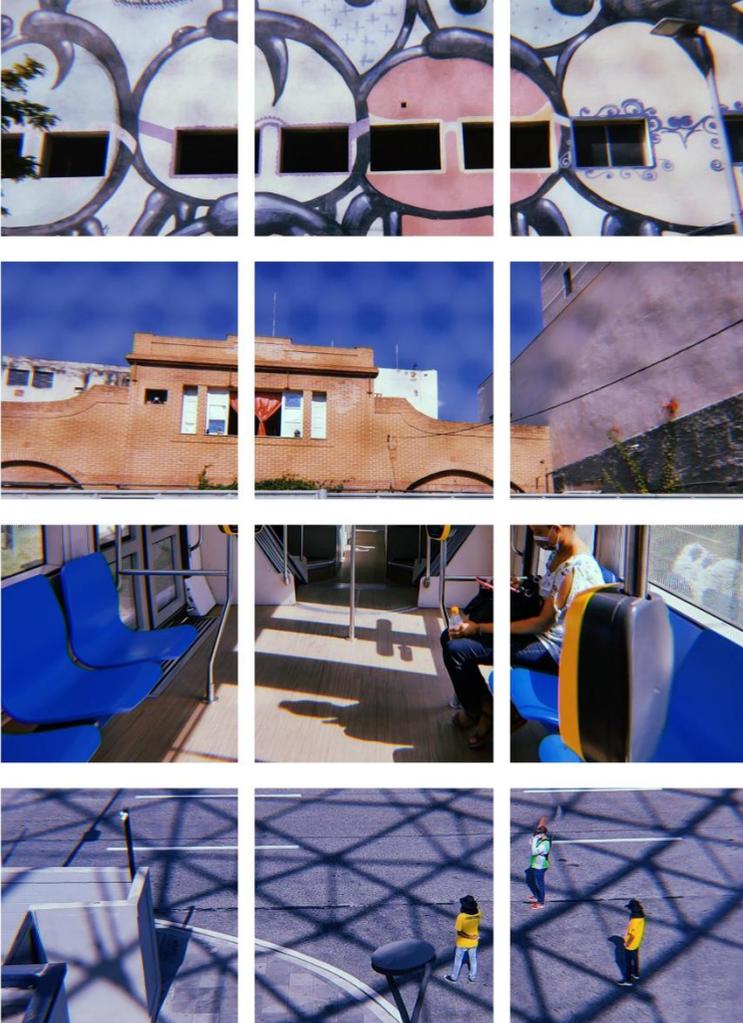






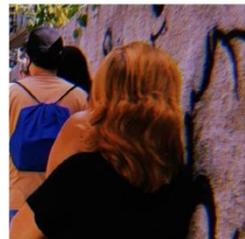






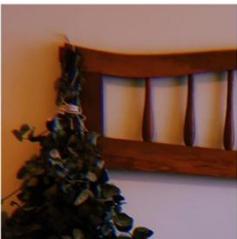
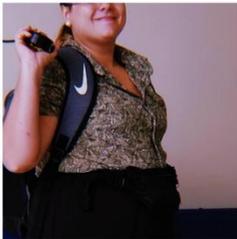


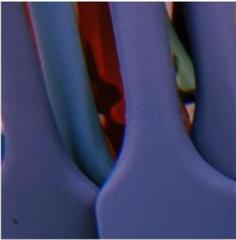




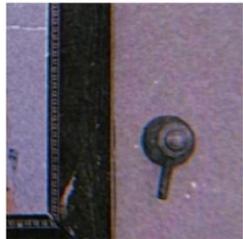










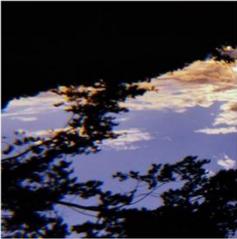


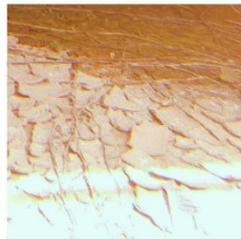
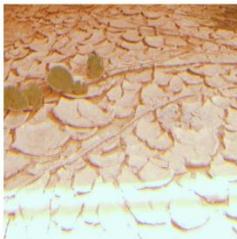


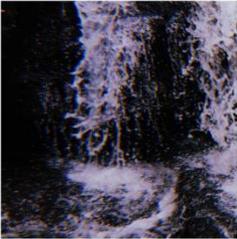
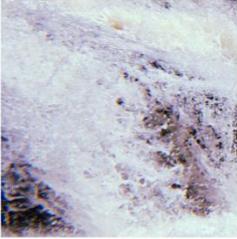






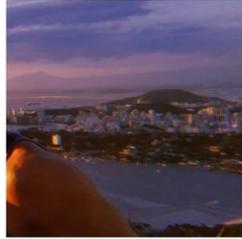










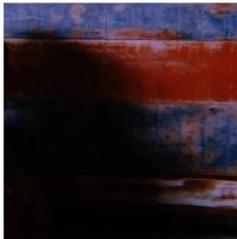




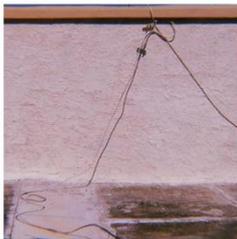














. que o vento leve as inquietações daqui

Vento, ar em movimento, que circula o mundo deixando rastros levando e trazendo. Brisa de praia que entra no peito com cheiro de maresia. Que o vento leve, tire um pouco daqui, deixe um pouco por lá e que traga de volta em círculo de transformação.

- o que te captura o olhar?
- quantos gigas tem a sua memória?
- para onde vão as imagens?

Ao longo desse processo surgem essas inquietações como força motora para o pensar a relação afetiva entre memória e imagem. Em setembro de 2020, saio e marco alguns espaços da cidade de Niterói, deixando essas perguntas aos passantes no intuito de propor ao outro o pensar sobre tais questões.

O duplo permanente na primeira questão, o olhar que captura imagens e se retém em um corpo primeira pessoa, impulsionado pelo estímulo outro com ou sem consciência. Qual é a força que impulsiona o movimento de acionar a máquina e o faz querer capturar visualmente algo ou alguma coisa? Ao mesmo tempo, qual é a máquina que se utiliza para capturar aquilo que o seu olhar já capturou? Corpo máquina, ou máquina corpo que levamos junto ao corpo?

O que define a sua capacidade de guardar? Na tecnologia medimos a memória por bytes, teras, gigas... Podendo ser um armazenamento em

dispositivos físicos ou virtual. No organismo muitos fatores determinam a capacidade de retenção da memória, a pergunta sugere a reflexão individual para observar os limites da memória técnica.

meu corpo deve possuir 10 gigas de memória,
em nuvem e dispositivos, já devo ter alcançado
mais de 1000 gigas de armazenamento.

E para onde vão as imagens arquivos que criamos e acumulamos nestes dispositivos memória?

Finalizo este livro com a proposta, para que o vento leve as inquietações que ressoam aqui. Que flexione as tenções do afeto e atenções às produções de imagem.

Não existindo resposta certa ou errada, resistindo apenas a arte.





"O acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro Idêntico."

Iván Izquierdo

. referências

BARTHES, Roland. "A câmara clara: nota sobre a fotografia." Tradução: GUIMARÃES, Júlio Castañon - Edição Especial - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017;

FLUSSER, Vilém. "Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia." I. ed. - São Paulo: É Realizações, 2018;

_____. "O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação". Organização: CARDOSO, Rafael , Tradução: ABI-SÂMARA, Raquel. São Paulo: Ubu Editora, 2017;

GUATTARI, Félix. "Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade". s/d

IZQUIERDO, Iván. "Memória" [recurso eletrônico] – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre : Artmed, 2014. e-PUB;

LAPOUJADE, David. "As existências mínimas." Tradução: Hortência Santos Lecastre. - São Paulo: n-1 edições, 2017.

MANINI, Miriam Paula. "Imagem, Memória e Informação: um tripé para o documento fotográfico." Domínios da Imagem, Londrina, ano IV, n. 8, p. 77-88, maio 2011;

RAMOS, Matheus Mazini. "A Fotografia e o Tempo: Possibilidades de pensar o tempo via fotográfico: Ponto e interstício". Jundiá, Paco Editorial: 2012;

SOTANG, Susan. "Sobre Fotografia". Tradução: Rubens Figueiredo - 1. ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WOLF, Virginia. "As ondas". Saraiva, 1ª edição, 2015.

. biblioteca de links

- seu som virou silêncio: vimeo.com/449524056

- lembrar para caso esquecer: vimeo.com/181579212

- vídeo álbum: vimeo.com/738814866

- promessa aos seres: instagram.com/arquiv.jpg

Aqui se reúnem muitas emoções e reflexões sobre imagem, memória, família, afetos e cotidianos. Construo através deste livro-álbum a narrativa de um Ser que busca dar materialidade às próprias memórias. "lembrar para caso esquecer" surge em forma de promessa que busca romper os limites da temporalidade linear através da produção de fotografias e videoartes afetivas autobiográficas. Dessa forma, esboça-se no decorrer da prática artística, narrativas pessoais que exercitam o ato-gesto de capturar lembranças em imagens, transpassando subjetividades a fim de confortar o de "apagar-se".

Palavras-chave: memória - imagem - afeto - arquivo